

Uma reflexão sobre a prática educativa de uma professora de inglês da rede pública de ensino do estado da Bahia

A reflection on the educational practice of an english teacher from a public school of the state of Bahia

Flávia de Brito Correia (UNEB)¹

Sirlene Nascimento Pereira (UNEB)²

Romar Souza Dias (UNB)³

RESUMO: Pretendemos neste artigo refletir sobre a prática educativa de uma professora de inglês. Para tanto seguiremos conceitos sobre abordagem, método e metodologia de acordo com a visão de Almeida Filho (1997; 2007; 2011). Os dados analisados, questionários onde professores de inglês relatam suas visões e experiências relacionadas a suas práticas de ensino e aprendizagem, nos fazem inferir que quando o professor compreende linguagem como prática social, suas aulas se tornam mais dinâmicas e mais próximas da realidade de seus alunos. A análise convida também a repensarmos reflexivamente práticas tradicionais de ensino que têm levado, de certa forma, à derrocada do ensino de línguas estrangeiras na educação pública brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Abordagem. Método. Metodologia. Ensino. Aprendizagem.

ABSTRACT: In this paper, we intend to reflect on the educational practice of an English teacher. We analyze concepts of approach, methodology and method according to the view of Almeida Filho (1997; 2007; 2011). The analyzed data, questionnaires where language teachers report their views and experiences related to their teaching and learning practices, lead us to infer that when teachers conceive of language as a social practice, their classes become more dynamic and closer to the reality of their students. The analysis also invites teachers to rethink reflexively traditional teaching practices that have led, in some way, to the collapse of the teaching of foreign languages in Brazilian public education.

KEYWORDS: Approach. Method. Methodology. Teaching. Learning.

¹ Graduada em Letras Inglês e Literaturas - Universidade do Estado da Bahia - (flaviabritocorreia@hotmail.com)

² Graduada em Letras Inglês e Literaturas - Universidade do Estado da Bahia - (sirlenegbi@hotmail.com)

³ Mestre em Linguística Aplicada - Universidade de Brasília - (rogabam@yahoo.com.br)

Introdução

Muito se tem pensado em um ensino de línguas que faça sentido para o aprendiz. Um ensino que, de fato, crie possibilidades para a produção de conhecimento. Esta inquietude levou-nos a indagar sobre a nossa própria realidade como professores de inglês e o contexto educacional em que nos vemos inseridos. Neste estudo procuramos compreender de que forma metodologias adotadas por professores de Língua Inglesa (LI) interferem no processo de ensino-aprendizagem. Para isso buscamos observar metodologias adotadas por uma docente de línguas na tentativa de identificar como elas (as metodologias) influenciam o processo de ensino e aprendizagem de línguas para que, dessa forma, possamos pensar práticas metodológicas mais condizentes com os desafios apresentados por alunos provenientes da educação pública. A partir do objetivo proposto, este artigo pretende responder às seguintes perguntas de pesquisa: Qual concepção de linguagem subjaz à prática educativa do professor de línguas? Como as metodologias adotadas pelo professor de língua inglesa influenciam o processo ensino e aprendizagem? À luz de referências teóricas, o foco deste estudo é tentar responder a tais questionamentos assim como colaborar para que a aprendizagem de língua estrangeira tenha sentido em sua natureza sociocomunicativa e histórica. O trabalho tem por base uma abordagem qualitativa de pesquisa cujo método é o estudo de caso. Para a coleta de dados foram observadas doze aulas de LI em duas turmas do 9º ano do ensino fundamental de uma cidade do interior do Estado da Bahia, sendo seis aulas em cada turma.

As bases teóricas que alicerçam este artigo estão ancoradas em Almeida Filho (1997; 2007), Freire (1996), Rajagopalan (2003), Moita Lopes (1994, 2005), dentre outros teóricos.

Este artigo está organizado em quatro partes: na primeira seção, abordamos questões relacionadas à importância da língua inglesa na sociedade globalizada. Discorreremos também nessa parte sobre a necessidade de conceber linguagem como prática social relacionada à compreensão de abordagem, método e metodologia. Na segunda seção, apresentamos a parte metodológica. Na terceira seção, apresentamos a análise e discussão dos dados onde procuramos identificar qual concepção de linguagem subjaz à prática pedagógica de uma professora de línguas que participou deste estudo.

Por último serão apresentadas as considerações finais, onde tentamos responder as perguntas de pesquisa que nortearam a investigação.

A importância de se aprender inglês na sociedade globalizada

Dentre as várias línguas faladas no mundo, a língua inglesa é a principal responsável pela maior parte da comunicação da rede social bem como a segunda língua mais falada devido ao *status* que tem alcançado até então (LE BRETON, 2005; CRYSTAL, 2003). O número de falantes de inglês já ultrapassa, em grande parte, o número de falantes nativos dessa língua, o que faz com que o inglês seja a *lingua franca*⁴ das nações (MOITA LOPES, 2005, p. 06). A língua inglesa constitui-se como um capital simbólico que dá ao sujeito oportunidades de participar em determinadas comunidades de prática. Se o indivíduo não fala inglês, perde muitas oportunidades de estabelecer relações com certos grupos e/ou comunidades, ou até mesmo de participar em certas atividades sociais. Em outras palavras, seria impossível tornar-se cidadão do mundo globalizado. Paiva (2005) assevera que a língua inglesa tornou-se imprescindível para a vida atual, pois para conseguirmos aprimorar qualquer atividade profissional, seja no campo da medicina, da eletrônica, física, etc., temos de saber falar inglês. Hoje, de acordo com a pesquisadora, “o inglês tornou-se o mais importante e essencial idioma” (PAIVA, 2005, p.19).

Como língua mundial que faz ponte entre o sujeito e o contexto globalizante, a aprendizagem desse idioma está sendo cada vez mais reivindicada por pessoas de diversas classes sociais e graus de escolaridade. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), as línguas estrangeiras permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas, propiciando sua integração num mundo globalizado. Além disso, aumentam a autopercepção do aluno como ser humano e como cidadão. A língua estrangeira deve “centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social.” (BRASIL, 1998, p.15).

4 De acordo com Moita Lopes (2005), *lingua franca* é a língua de comunicação internacional entre os vários povos do planeta.

O ensino de língua estrangeira deve ampliar o conhecimento de mundo do aluno, não só no que diz respeito à informação, mas também à sua formação como cidadão globalizado, proporcionando uma reflexão crítica sobre a realidade política, econômica e social, não apenas de seu país, mas também dos outros que fazem parte da aldeia global. Dessa forma, podemos afirmar que “ao ensinar uma língua estrangeira é essencial uma compreensão teórica do que é linguagem, do ponto de vista dos conhecimentos necessários para usufruí-la, em relação ao uso que fazem desses conhecimentos para construir significados no mundo social” (BRASIL, 1998, p.27).

A educação em língua inglesa pode dar ao aprendente acesso a diversas formas de conceber a vida humana como, por exemplo, a tecnologia moderna, o mundo dos negócios, a comunicação intercultural e a ciência. Desse modo, entendemos que saber inglês é ter possibilidade de interagir no meio informatizado e globalizado, características da contemporaneidade.

Ensino de línguas na contemporaneidade: sobre a questão da abordagem, método e metodologias

Sabe-se que tanto nas escolas públicas, quanto nas escolas particulares, a língua inglesa ocupa um espaço de fundamental importância. Seu uso é imprescindível na formação crítica e social dos alunos, pois todos os brasileiros têm direito à cidadania e acesso ao mundo globalizado e plurilíngue. De acordo os PCNs (2000), para que possa haver um ensino eficiente por competências e habilidades⁵ é preciso, primeiramente, trabalhar para buscar soluções de problemas existentes na educação brasileira. Além disso, é necessário propor projetos que visem lançar novos desafios tanto para os professores quanto para os alunos e os motivem a mobilizar seus conhecimentos. O trabalho com as competências e habilidades pode ser uma chave para resolver alguns problemas de ensino e aprendizagem de línguas. Dessa forma, a língua inglesa pode conseguir resgatar o *status* que há muito tempo lhe foi negado.

5 De acordo com os PCNs (2000, p.28), é necessário que se desenvolva as seguintes competências: saber distinguir entre as variantes linguísticas, escolher o registro adequado à situação na qual se processa a comunicação, escolher o vocabulário que melhor reflita a ideia que pretenda comunicar, compreender de que forma determinada expressão pode ser interpretada em razão de aspectos sociais e/ou culturais, compreender em que medida os enunciados refletem a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem os produz, utilizar os mecanismos de coerência e coesão na produção em Língua Estrangeira (oral e/ou escrita). Todos os textos referentes à produção e à recepção em qualquer idioma regem-se por princípios gerais de coerência e coesão e, por isso, somos capazes de entender e de sermos entendidos e utilizar estratégias verbais e não verbais para compensar falhas na comunicação (como o fato de não ser capaz de recordar, momentaneamente, uma forma gramatical ou lexical), para favorecer a efetiva comunicação e alcançar o efeito pretendido (falar mais lentamente, ou enfatizando certas palavras, de maneira proposital, para obter determinados efeitos retóricos, por exemplo).

Por outro lado, nós como professores reflexivos, precisamos ter consciência da importância do nosso papel, enquanto educador, buscando iniciativas que visem à extensão do acesso de outras camadas da população (principalmente as classes minoritárias) ao conhecimento de uma língua estrangeira, como uma estratégia de democratização do ensino. Por isso é tão importante que todos nós, professores de língua estrangeira, lancemos um olhar mais crítico e minucioso a essa gigantesca tarefa que é conduzir o aluno à superação de preconceitos para levá-lo à inclusão social que nada mais é do que seu direito como cidadão desse país e do mundo.

Para que essas metas se tornem reais, acreditamos como o faz Santos (2001, p.15) que “é necessária uma pedagogia ativa e cooperativa, voltada para toda a comunidade escolar”. Contudo, para os alunos da rede pública a escola de nível fundamental e médio é talvez a única possibilidade de eles adquirirem o idioma que lhes é, a princípio, estrangeiro. Sendo assim, se torna imperativo pensar o ensino global de línguas, sinalizando para a superação de problemas vivenciados na prática escolar.

É preciso e urgente que ocorra um redimensionamento curricular que contemple a realidade de alunos reais de carne e osso para que em um futuro bem próximo haja uma melhora significativa no ensino de inglês, deixando de existir a crença de que não se aprende esse idioma na escola, seja ela pública ou privada.

Recuperar a motivação junto às classes populares, ou reavivar-lhes o interesse cultural por outros povos é tarefa a ser encarada seriamente pelos professores de língua estrangeira (aqui, especificamente o inglês) ao fazerem suas opções didático-metodológicas diante das contínuas mudanças de paradigma pelos quais vem passando o conhecimento. Tornar o ensino da língua inglesa no Brasil mais eficaz exige que todos os interessados nessa perspectiva alunos, professores, autoridades e a sociedade como um todo, se unam e se empenhem, já que, como bem afirma Freire (1997, p.84), “(...) a educação autêntica, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B”.

Pensar novas propostas de ensino de inglês tendo em vista a contemporaneidade é essencial, pois a globalização, o mercado mundial, o turismo e as redes de comunicação são questões que estão presentes a todo momento e que precisam ser levados em consideração para iluminar as novas abordagens de ensino-aprendizagem.

Esse novo posicionamento no ensino, implica na capacidade de refletir, analisar e tomar consciência do que se sabe, buscando novas informações, adquirindo novos conhecimentos resultantes da rápida evolução tecnológica. Cabe ao professor fazer a diferença em sala de aula, partindo para uma metodologia mais condizente com a

realidade do aluno (LARSEN-FREEMAN, 2001), buscando estratégias de ensino que desperte o interesse e envolvimento da turma nas aulas de LE.

De acordo com Oliveira e Silva (2009),

fazer diferente não significa que o professor vai virar a sala de cabeça para baixo e pedir aos alunos que façam coisas do outro mundo. Fazer diferente é trabalhar, também com as habilidades de ouvir e falar. É ter consciência de que o aluno precisa aprender a língua inglesa e o mundo globalizado requer certa fluência na língua, isso significa ser capaz de ler, escrever, ouvir e falar. É também ter a coragem de tentar pôr em prática os objetivos que estão nos próprios PCNs (OLIVEIRA e SILVA, 2009, p.143).

Os autores apontam que o professor deve atingir os objetivos traçados por ele próprio, demonstrando não só uma atitude reflexiva como também corajosa.

Prabhu (1990) afirma que durante o ensino de línguas o professor, que é, de certa forma, conhecedor da experiência de sala de aula, deve ter em mente que não existe um método único de se ensinar, e sim, ter um senso de plausibilidade⁶ ou pedagogia intuitiva, capaz de fornecer subsídios para que atenda às necessidades dos alunos e que permita ao professor alcançar o objetivo que propõe no tratamento da língua-alvo. Metodologias, métodos e abordagens, nessa perspectiva, são entendidos como caminhos, construções sociais, derivados de experiências vivas, durante o processo de formação da prática educativa do professor de línguas. A próxima seção aborda melhor essa questão.

Abordagem, método e metodologia no processo de ensino e aprendizagem de línguas

Para refletirmos sobre abordagem, método e metodologia, utilizaremos conceitos advindos do arcabouço teórico de Almeida Filho⁷ (1997; 2007; 2011). Defendemos a ideia de que abordagem é um conceito mais amplo e mais abstrato, sobre o qual se erguem o método e a metodologia: é o resultado de experiências, tanto empíricas quanto teóricas, provenientes de diferentes teorias da linguagem, sobre como se ensina e sobre como se aprende uma determinada língua estrangeira. Qualquer prática de ensino-aprendizagem de uma língua rege-se por determinada abordagem que, por sua vez, é construída ao longo dos anos, fruto de experiências adquiridas, relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem de línguas.

6 De acordo como Prabhu (1990, p. 172), o senso de plausibilidade é “o sentido (ou teoria, ou, num estado mais latente, uma intuição pedagógica) de como a aprendizagem acontece, e de como o ensino a causa ou mantém”.

7 Para mais informações e aprofundamento sobre questões relativas a abordagem, método e metodologia, sugerimos uma leitura na íntegra do livro “Dimensões comunicativas no ensino de línguas” (ALMEIDA FILHO, 2007).

De acordo com Richards, Platt e Platt (1992), no Dicionário de Ensino de Língua e Linguística Aplicada, método é o modo pelo qual a língua é ensinada, sendo baseado em um sistema de princípios e procedimentos. Ou seja, o método está relacionado à maneira como o professor organiza suas atividades, são os meios para se alcançar determinados objetivos do processo de ensinar e aprender línguas. No que diz respeito ao processo de ensinar e aprender uma língua estrangeira, o método pode ser definido, então, em relação a como uma língua é ensinada, é o caminho, é o conjunto de etapas ou procedimentos realizados pelo professor na prática através de metodologias diversificadas. Almeida Filho (1997) corrobora a asserção anterior, pois assevera que enquanto abordagem refere-se aos pressupostos teóricos do aprendizado de línguas, o método refere-se às normas de aplicação desses pressupostos.

Almeida Filho (2011) define metodologia como um conjunto de ideias que contribuem para ensinar de uma certa maneira, ou seja, ensinar através de um método. O autor enfatiza que o conceito de metodologia está relacionado ao que o professor desenvolve efetivamente em sala de aula como educador, baseando-se em suas próprias crenças, observações e pressupostos teórico-práticos. A metodologia é o resultado direto daquilo que o educador executa em sala de aula, a partir de situações reais de ensino e aprendizagem, atribuindo de forma implícita ou até mesmo explícita uma determinada abordagem.

Dessa forma, podemos notar que no processo de ensino e aprendizagem de línguas, o conceito de abordagem é muito importante, pois auxilia, direciona e fortalece (de forma negativa e/ou positiva) metodologias e métodos utilizados pelos professores de línguas em sala de aula.

Como professores críticos e reflexivos, devemos procurar entender qual concepção de linguagem subjaz a nossa prática pedagógica, pois se compreendemos língua como um sistema somente, desvinculado de um contexto social, nossas ações em sala de aula se pautarão em torno de atividades que propiciarão a compreensão das regras desse sistema apenas. Por outro lado, se compreendemos língua como prática social, nossas ações em sala de aula poderão transcender regras gramaticais e processos de codificação e decodificação de textos, chegando ao nível do discurso. Isso quer dizer que nossas ações em sala de aula auxiliarão sobremaneira o aluno a se perceber no mundo social: um mundo não predeterminado, porém construído pelo homem ao fazer uso da linguagem. O aluno pode adquirir, assim, consciência crítica de que aprender uma nova língua significa construir significados no mundo. É um processo de negociação contínua entre a identidade do aprendiz em relação ao contexto social mais amplo, regido por relações assimétricas de poder e ideologia.

Tendo em vista o referencial teórico sobre a importância de se aprender inglês na contemporaneidade e sobre a relevância de se compreender os conceitos de abordagem, método

e metodologia no processo de ensinar e aprender línguas, explicaremos, a seguir, a metodologia da investigação realizada, bem como a análise que motivaram as discussões.

Metodologia da pesquisa

Este artigo é um recorte de uma pesquisa maior (CORREIA e PEREIRA, 2013) cujo objetivo foi investigar qual concepção de linguagem subjaz à prática educativa de alguns professores de inglês da rede pública de ensino do estado da Bahia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa cujo método é o estudo de caso. Esse método, de acordo com Stake (1994) e Yin (2005), consiste em analisar, buscar uma compreensão mais aprofundada de um determinado fato ou situação através do entendimento do significado construído pelos participantes da investigação.

A análise foi realizada a partir de uma perspectiva interpretativista (MOITA LOPES, 1994, p.336) que objetivou entender as “compreensões dos atores engajados em determinadas ações”. Sobre isso, Souza Dias (2013, p.61) afirma que é de

fundamental relevância compreender os problemas sociais vivenciados e enfrentados pelos sujeitos (neste caso, problemas relacionados à prática pedagógica de professores de línguas, em sala de aula), pois nosso papel como pesquisadores é apresentar alternativas para o entendimento de nossas ações (SOUZA DIAS, 2013, p. 61).

Desse modo, objetivamos, a partir da visão interpretativista, analisar a prática pedagógica de uma professora de inglês de uma determinada escola da rede municipal de ensino, localizada no interior da Bahia, através de instrumentos de coleta de dados tais como observações em sala de aula, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas. A extensão do tempo de coleta dos dados foi de um período de aproximadamente três meses.

Tendo até aqui exposto a base teórica e a metodologia que norteiam esta investigação, passemos, então, à análise e discussão dos dados com o intuito de respondermos às perguntas de pesquisa, a saber: qual concepção de linguagem subjaz à prática educativa do professor de línguas? Como as metodologias adotadas pelo professor de língua inglesa influenciam o processo ensino-aprendizagem?

Análise e discussão dos dados

Apesar de terem participado da investigação maior dois professores de língua inglesa, analisaremos neste artigo apenas alguns relatos da professora Ana (nome fictício cujo intuito é preservar-lhe a identidade), pois as respostas fornecem entendimento às questões

problematizadoras apresentadas neste artigo. Fizemos uma junção das respostas apresentadas por Ana em forma de narração. As respostas foram retiradas do questionário e da entrevista semiestruturada.

Ana é professora graduada em Letras Inglês/Português e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. No momento da coleta dos dados, ensinava há vinte e dois anos e tinha uma carga horária de sessenta horas semanais, todas em língua inglesa, em turmas do ensino fundamental, médio e técnico.

Vale ressaltar, mais uma vez, que o que foi analisado aqui é derivado de uma pesquisa maior, longitudinal, que nos deu base para chegar às conclusões apresentadas a seguir. Nossa análise embasa-se também na concepção de que a maneira como o professor entende linguagem fornece base teórica (explícita e/ou implícita) para a sua ação em sala de aula.

Relação entre língua(gem), abordagem, método e metodologia.

Sobre Ana: “gosto muito do gramatical, pois aprendi dessa forma”.

Sou professora há 22 anos. Graduei em letras com Inglês/Português e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Atualmente trabalho na escola municipal [fala o nome da escola]. Há em média 38 a 40 alunos por turma. Só estou ensinando porque ainda não tem outra pessoa para ficar em meu lugar, para me substituir. Já estou cansada. Os alunos não se interessam pela disciplina. Tenho 60 horas semanais (...). Sobre os recursos metodológicos, uma vez ou outra, utilizo apenas o livro didático. Filmes, músicas e vídeos, porém devido ao tempo, acabo utilizando raramente em sala de aula (...). Penso que abordagem seria uma sondagem prévia, método são as experiências utilizadas e metodologia é a aplicação dessas técnicas, desses métodos. Todos os métodos são apropriados. Gosto muito do gramatical, pois aprendi dessa forma. Para mim, linguagem é qualquer meio que se utiliza para se comunicar e língua é o estudo da língua, a gramática, de onde e como surgiu a língua, como usar a língua (Ana, relato derivado do questionário e da entrevista semiestruturada).

A questão da formação do professor de línguas se encontra, a princípio, no nível das ideias e das ações, pois em contato com o ensino, o professor traz consigo suas experiências vividas enquanto aprendente de línguas: suas crenças, seus valores, suas ideologias, suas atitudes, ou seja, um conjunto de imagens, intuições, formadas ao longo de sua vida.

Com o passar do tempo, inserido em um contexto desafiador de ensino, o professor inicia o seu processo de reflexão, buscando uma explicação plausível para a sua forma de

ensinar. Esse é o momento em que o educador passa a desenvolver a sua reflexividade, ao entrar em contato com teorias relevantes referentes ao processo de aprender/adquirir línguas. O contato com essas teorias aguça a reflexão do professor, fazendo com que ele comece a vislumbrar explicações coerentes entre sua teoria e prática, concebendo o aluno como alguém em processo de humanização. Nesse estágio, o professor já é alguém capaz de elaborar criticamente um planejamento de curso bem organizado, tendo por base uma avaliação equilibrada e processual.

Porém, isso não parece ser o caso de Ana. O relato da professora fornece indícios de que a falta de investimento em sua atualização pedagógica pode ser consequência de sua rotina de trabalho, pois ensinando há vinte e dois anos, com sessenta horas semanais, em turmas superlotadas, como achar tempo para se atualizar em leituras e participar de eventos em sua área de formação? Parece que Ana não se enquadra na descrição teórico-reflexiva apresentada anteriormente.

Os relatos da professora também deixam indícios de que o seu ensino está muito dissociado da realidade de seus alunos. Parece que Ana deixa-se levar pelo cansaço e não procura formas de diversificar o seu ensino de modo a contemplar a realidade de seus alunos. Ela reproduz o conteúdo gramatical, utilizando-se, na maioria das vezes, da abordagem tradicional.

De acordo com Freire (1996), o educador deve refletir sobre a sua prática pedagógica, mostrando a importância do prazer em lecionar, é preciso acreditar em seu trabalho, tratando-o com seriedade e humildade, pois, ensinar não é transferir conhecimento, e sim criar possibilidades para a sua produção. Freire vai mais além ao dizer que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p.25).

É interessante que o professor seja criador, curioso, persistente, flexível e busque sempre aceitar o novo. É importante também que o professor tente promover mudanças sendo, portanto, na medida do possível, um pesquisador. Sobre isso, Freire (1996) nos adverte que:

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Um se encontra no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago (...). Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p.25).

A observação das aulas de Ana, a análise das respostas dos questionários e entrevistas e algumas conversas informais com a professora serviram de base para conjecturarmos que a professora concebe língua como um sistema somente, desvinculado de um contexto social mais amplo, conseqüentemente suas ações em sala de aula são pautadas em torno de atividades que propiciam a compreensão das regras desse sistema apenas. O comentário da docente: “gosto muito do método gramatical, pois aprendi dessa forma” (ANA, entr. 04, p. 02) apresenta fortes indícios de que a professora tenha sido educada dentro de um sistema cultural de ensinar e aprender inglês firmemente arraigado na abordagem tradicional. Isso é corroborado em suas aulas, pois Ana dá muita ênfase ao ensino da gramática e raramente se utiliza de outros recursos metodológicos tais como revistas, filmes, músicas e vídeos. Segundo ela, só utiliza desses recursos quando sobra tempo: “uma vez ou outra utilizo apenas o livro didático. Devido ao tempo, acabo utilizando filmes, músicas e vídeos raramente ou quase nunca, em minha sala de aula” (ANA, quest. 5 p. 2).

A prática educativa da professora Ana nos incita a fazer algumas perguntas instigadoras: será que um ensino voltado a questões gramaticais é capaz de despertar a atenção e o interesse dos alunos? Até que ponto a gramática se torna importante nas aulas de línguas? Almeida Filho (2007, p. 41) fornece uma resposta plausível a essas perguntas ao enfatizar que “a gramática como a conhecemos e praticamos no dia-a-dia escolar, precisa ter seu papel redimensionado, agora subordinado às necessidades de um interesse pelo uso comunicativo da língua-alvo” (ALMEIDA FILHO, 2007, p. 41).

Dessa forma, a necessidade de mudanças na forma como as aulas de língua estrangeira são ministradas se torna imperativa, pois segundo Larsen-Freeman (2001):

não nos interessa encher a cabeça de nossos alunos de paradigmas gramaticais e regras sintáticas. Mesmo que eles soubessem todas as regras gramaticais já escritas, se não soubessem como aplicá-las, não estaríamos cumprindo nosso papel como professores. Na verdade, o que esperamos fazer é levar nossos alunos a utilizar as estruturas gramaticais com acuidade, significativa e apropriadamente (LARSEN- FREEMAN, 2001, p.255).

É necessário que o educador procure mudar sua forma de ensino de modo que consiga trazer a realidade dos alunos para o contexto escolar, fazendo com que o aluno se sinta motivado a aprender. É necessário também que o educador explore os diversos

métodos e metodologias sempre que necessário, para que assim torne as suas aulas de línguas não como uma disciplina a mais no currículo, mas como uma disciplina de fundamental importância para a formação social do aprendente, no mundo globalizado.

Sobre isso, Souza Dias (2013, p. 189) assevera que é necessário que o docente esteja “constantemente em diálogo entre a sua prática de ensino e uma metodologia que tenha uma explicação teórica do seu fazer (...). O educador necessita se atualizar constantemente na literatura especializada”. Já Almeida Filho (1999 apud SOUZA DIAS, 2013, 189) assevera que o “método deve estar embasado em uma teoria linguística que justifique o porquê de o professor ensinar da maneira com o faz”.

É preciso que os docentes se atualizem em conhecimentos em torno da concepção de língua e linguagem desvinculada da abordagem tradicional e adotem uma visão pós-estruturalista de linguagem⁸. Esse conceito de linguagem deve estar claro para o professor, pois é a partir dele que se fundamenta e desenvolve uma maneira de se ensinar e aprender língua de forma mais consistente, contextualizada e motivadora.

Algumas considerações

A partir da análise dos dados fornecidos pela participante selecionada, seguem algumas considerações sobre o que está envolvido no processo de ensinar e aprender uma língua estrangeira. Os dados apresentados e analisados também fornecem base para tentarmos responder às perguntas de pesquisa que nortearam esta investigação.

O que envolve o processo de ensinar e aprender LI

O ensino-aprendizagem de LI está se tornando mais imprescindível. A aprendizagem de uma língua estrangeira, em especial a língua inglesa, está sendo reivindicada, diariamente, por pessoas de todas as classes sociais e graus de escolaridade, conforme já frisado anteriormente. Segundo Rajagopalan (2003, p. 70), o propósito do ensino de línguas estrangeiras é “formar indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras

⁸ De acordo com Ogiba (1995, p. 234), “o pós-estruturalismo não considera a linguagem como uma ferramenta neutra que simplesmente dá acesso à realidade do mundo natural ou social, mas antes que é ela própria que constitui esse mundo. E nesse sentido, realidade e homens/mulheres são constituídos pela e na linguagem, e não o contrário. Por conseguinte, é o lugar no qual o sujeito se constitui e onde deixa as marcas desse processo”.

culturas, modos de pensar e agir. Significa transformar-se em cidadãos do mundo”. Dessa forma, vários fatores estão envolvidos no processo de ensinar e aprender línguas tais como a formação do professor, o método utilizado, os interesses individuais de cada aluno, dentre outros requisitos.

De acordo com Larsen-Freeman (2003), o ecletismo metodológico é uma das alternativas que devem se utilizadas em sala de aula. Deve ser compreendido e explorado de forma flexível, favorecendo as variações e diversificação de atividades, de forma que facilite e otimize o processo de ensino e aprendizagem de línguas.

Assim, como já foi mencionado em seções anteriores, é imperativo que o docente repense sua prática pedagógica e utilize métodos que sejam mais eficazes e que estimulem os alunos a se tornarem cada vez mais independentes no mundo globalizado. Para isso, o professor pode explorar as questões metodológicas de forma eclética, assumindo uma pedagogia reflexiva, voltada para a realidade dos discentes.

Nos subtópicos, a seguir, daremos continuidade a essa discussão tentando responder as perguntas de pesquisa que norteiam o trabalho. As perguntas serão apresentadas em forma de tópico.

Qual a concepção de linguagem que subjaz à prática educativa do professor de línguas?

Percebe-se que a concepção de linguagem que a professora Ana traz para sua experiência em sala de aula é uma concepção que compreende língua como algo totalizado em si mesmo, desvinculado de um contexto social, político e cultural (RAJAGOPALAN, 2003). Essa concepção de linguagem desencadeia um ensino focado na gramática-tradução, onde os conteúdos são transmitidos aos alunos, e estes, por sua vez, apenas reproduzem de forma mecanizada, utilizando-se da repetição e memorização⁹.

Com os resultados obtidos, percebe-se também a necessidade de mais reflexão crítica sobre a concepção de linguagem que norteia a nossa prática educativa: uma concepção pós-estruturalista de linguagem deveria subjazer a nossas ações, às ações

⁹ Vale salientar que os dados analisados aqui ainda não nos permitem fazer generalizações sobre qual concepção de linguagem a maioria dos professores de língua trazem consigo. Para isso, seria interessante, portanto, fazer outras investigações no intuito de vincular pesquisas em outros estados brasileiros para a ratificação de tal generalização.

dos professores envolvidos na pesquisa e a tantas ações de outros profissionais de línguas que se preocupam com um ensino de transformação social.

De acordo com os PCNs (1998, p.20), conceber linguagem como forma de interação significa entendê-la como um trabalho coletivo. Portanto em sua natureza sócio-histórica é "como uma ação orientada para uma finalidade específica (...) que se realiza nas práticas sociais existentes, nos diferentes grupos sociais, nos distintos momentos da história".

Os professores em geral devem ter em mente que a educação deve oferecer ao indivíduo possibilidades para pensar para transformar o mundo de modo a agir politicamente (FREIRE, 1996). Para tanto, é crucial que todo professor tenha uma concepção de linguagem que atenda às necessidades sociais, históricas e culturais, relativa ao contexto contemporâneo em que está situado.

Para Almeida Filho (1999, p. 12), a abordagem de ensino "manifesta-se a partir de três de seus componentes constitutivos, quais sejam, as concepções de língua/linguagem (...), de ensinar e de aprender uma nova língua".

Nesse sentido, os professores precisam atualizar-se e adequar sua prática educativa de acordo com a concepção de linguagem vinculada à vida social a fim de ter a possibilidade de articular suas aulas de várias formas, buscando atender às necessidades particulares de cada aluno.

Como as metodologias adotadas pelo professor de língua inglesa influenciam no processo de ensino e aprendizagem de línguas?

Existe uma enorme influência das metodologias utilizadas pelo professor no processo de ensino e aprendizagem de línguas na contemporaneidade. É necessário que o professor deixe de lado a forma tradicional e procure estar sempre se atualizando. É precípua também que o professor utilize de metodologias mais condizentes com a realidade do aluno, buscando estratégias de ensino que desperte o interesse e envolvimento do alunado nas aulas de línguas. Pode ser que isso desperte o

investimento por parte dos alunos, além de fortalecer a importância da aprendizagem¹⁰ da língua inglesa para inserção do sujeito no mercado globalizado.

Durante o processo de ensino e aprendizagem de línguas, o professor deve ter em mente que não existe um método único de se ensinar. É necessário que o professor desenvolva o senso de “reflexão na ação”, ou pedagogia intuitiva, para saber utilizar um método capaz de fornecer subsídios que atenda a sua necessidade e a de seus alunos e que permita ao professor alcançar o objetivo que propõe no tratamento da língua-alvo em um determinado momento.

Além disso, é preciso assumir uma postura crítica e reflexiva, procurando sempre melhores formas de compreender como se aprende uma nova língua e quais maneiras são mais eficazes para cada tipo de turma. Pois como Almeida Filho (2007) salienta, devemos, como educadores reflexivos, ser investigadores sempre em busca de melhorias para a compreensão sobre como nossos aprendizes adquirem uma língua estrangeira.

Portanto, dentro e fora do contexto educacional, o professor precisa refletir a cada dia sobre sua prática (ALMEIDA FILHO, 1997). Deve repensar formas mais eficientes de se ensinar uma língua estrangeira. Além de propor mudanças, o professor precisa também estar sempre aprimorando o seu conhecimento e estar constantemente atualizando-se em busca de novas maneiras de se ensinar, de forma que favoreça um ensino mais reflexivo e possível aquisição de língua inglesa, pois como diz Freire (2000) não há ensino sem pesquisa. Contudo, é preciso que o professor adeque seus métodos a um ensino que tenha por base uma concepção de linguagem que atenda às exigências da realidade social de sujeitos comuns de carne e osso (RAJAGOPALAN, 2003) para que haja uma melhora considerável tanto na prática de ensinar como na prática de aprender línguas.

Algumas considerações a guisa de conclusão

Considerando os resultados obtidos na investigação realizada, é importante enfatizar, mais uma vez, que devemos adotar uma concepção de linguagem em que a língua não seja mais vista como algo neutro e isolado, desvinculado da realidade social. Ao contrário, a língua deve ser concebida como algo dinâmico, em constante estado de

¹⁰ A LE “permite ao estudante aproximar-se de várias culturas” propiciando sua integração no mundo globalizado e aumentar a autopercepção do aluno como ser humano e como cidadão. Ainda, de acordo com os PCNs (1998), a língua estrangeira deve “centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social” (BRAZIL, 1998, p. 15).

evolução. A realidade é interpretada a partir das experiências que temos. Essa realidade é percebida na linguagem que, por sua vez, é determinada na perspectiva de quem a constrói e a utiliza.

Devemos ter em mente também o fato de que ensinar uma língua estrangeira não se restringe a conhecer os elementos lexicais que compõem um idioma, mas, principalmente, exige saber utilizá-los adequadamente, de acordo com as exigências de contextos específicos. Afinal estamos vivenciando um processo de ensino e aprendizagem que, integrado ao uso da língua em estudo, constrói vínculos de harmonia entre educandos e educadores. Não cabe apenas ao professor o papel de agente. É nesta perspectiva de troca, de ação e interação entre professor-aluno-conteúdos que se dá a construção do conhecimento. É preciso deixar no passado aulas tradicionais e promover momentos de prazer e reflexão crítica aos alunos.

Este estudo não se esgota nas questões mencionadas aqui apenas, muitas coisas ainda estão envolvidas no processo de ensinar e aprender línguas (neste caso específico, inglês), mas espera-se que este estudo sirva para reflexão, para que nós tenhamos um olhar mais crítico sobre nossa prática educativa.

Como assevera Freire (1996), é necessário que exista uma reflexão crítica sobre a prática educativa, sem a qual a teoria pode se tornar apenas discurso e a prática uma reprodução alienada, sem questionamentos. A teoria deve ser adequada à prática cotidiana do professor, que passa a ser um modelo influenciador de seus educandos. Na verdadeira formação docente deve estar presente a prática da criticidade ao lado da valorização das emoções.

Finalizamos este estudo com o pensamento de Freire (1996), pois também acreditamos fortemente que ensinar não é transmitir conhecimentos e conteúdos desvinculados da realidade social de sujeitos aprendentes. Ensinar é uma ação recíproca pela qual um

sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro (FREIRE, 1996, p.12).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Parâmetros atuais para o ensino de português língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. **Análise de abordagem como procedimento fundador de auto-conhecimento e mudança para o professor de língua estrangeira**. In: ALMEIDA FILHO, J. C. (org.). O Professor de língua estrangeira em formação. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. Campinas, Pontes, 2007a.

_____. **Linguística aplicada: ensino de línguas e comunicação**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores e Arte Língua, 2007b.

_____. **Fundamentos de abordagem e formação no ensino de PLE e outras línguas**. Campinas, SP: Pontes, 2011.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: língua estrangeira**. Brasília, MEC/SEM. 2000.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília, MEC/SEF. 1998

CORREIA, F. B.; PEREIRA, S. N. **Repensando metodologias de ensino-aprendizagem de língua inglesa no ensino fundamental: por uma pedagogia de resultados práticos**. 77f. Monografia (Colegiado de Letras Inglês e Literaturas) – Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Bahia, 2013.

CRYSTAL, D. **English as a global language**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática de educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

LARSEN-FREEMAN, D. **Teaching language: from grammar to grammaring**. Boston, Thomson-Heinle, 2003.

LE BRETON, J. M. **Reflexões anglófonas sobre a geopolítica do inglês**. In: LACOSTE, Y. (Org.). A geopolítica do inglês. São Paulo: Parábola, 2005

MOITA LOPES, L. P. **Inglês no mundo contemporâneo**: ampliando oportunidades sociais por meio da educação. Simpósio Inglês no Mundo Contemporâneo promovido pela International Research Foundation for English Language Education –TIRF. São Paulo, 2005.

_____. **Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada**: a linguagem como condição e solução. D.E.L.T.A., n. 10, p. 329-338, 1994.

OGIBA, S. M. M. **A produção do conhecimento didático e o pós- estruturalismo**: potencialidades analíticas. In: VEIGA-NETO, Alfredo J. (org). *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995, p. 231-244.

OLIVEIRA, A. SILVA, A. B. Abordagens alternativas no ensino de inglês. In: **Ensino Aprendizagem de língua inglesa**: conversas com especialistas. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p.141 a 149.

PAIVA, V. L. M. O. e (org.). **Ensino de língua inglesa – reflexões e experiências**. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

PRABHU. N.S. **There is no best method – Why?** *Tesol Quarterly*, v.24, n 2, p. 161-176, 1990.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Editora Parábola, 2003.

RICHARDS, J. C.; PLATT, J.; PLATT, H. *Longman Dictionary of Language Teaching and Applied Linguistics*. Harlow: Longman, 1992.

SANTOS, S. M. P. **A ludicidade como uma ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SOUZA DIAS, R. **Desafios enfrentados por alunos de classes sociais menos favorecidas rumo à aprendizagem de inglês: uma questão de identidades**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2013, 161p.

_____. **A linguística Aplicada e o papel do professor reflexivo como pesquisador em sala de aula**. *Revista Multidisciplinar da UNEB. Plurais*, v 04, n 03, p. 188-195, 2013.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K. E LINCOLN, Y. S. (eds.). **Hand book of qualitative research**. London: Sage, 1994. p. 236-247.

YIN, R. K. **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.